

# Diversão & Arte

ENQUANTO ANGELINA JOLIE, EM ATUAÇÃO FESTEJADA, INTERPRETA MARIA CALLAS NO CINEMA, O DIRETOR LEIGH WHANNELL ASSUME UMA REVISÃO PARA O MONSTRUOSO **LOBISOMEM**, NUTRIDO POR PAVOR E ANSIEDADE EXPERIMENTADOS DURANTE A PANDEMIA



## A BELA E A FERA

» RICARDO DAEHN

À dada altura do longa *Maria Callas*, a diva da ópera interpretada por Angelina Jolie, promete levar adiante uma autobiografia. Será, portanto, uma nova janela para a revisão de sua história, uma vez que, inicialmente, há o filme projetado na tela e idealizado pelo prestigiado cineasta chileno Pablo Larraín e, dentro do enredo, um jovem entrevistador que pretende mapear a personalidade para montar o registro documental *La Callas: Os últimos dias*. Sem grande surpresa o longa-metragem de Larraín cede a uma moldura teatralizada, em que todos os gestos são premeditados pela estrela Jolie, perfeita, ao abraçar o papel mais desafiador até o momento. A sistemática paixão despertada nos repórteres, a trágica vivência (repleta de devaneios) e o sufocamento da mídia estão alinhados na trajetória da cantora greco-americana, morta aos 53 anos, em 16 de setembro de 1977.

“Frequentemente, nós, como artistas, não sabemos o alcance do nosso trabalho, ou mesmo não esperamos gentileza. Você esperando, incerta, quanto ao apoio e a conexão junto aos espectadores. *Maria Callas*, entretanto, ressoou”, comentou a estrela Jolie, para a *Variety*, antes mesmo da aclamação com as indicações de melhor atriz, no *Critics Choice*, no *Globo de Ouro*, no *Satellite Awards* e ainda no circuito de *Críticos de Nova York* e de um prêmio, pela carreira, em *Palm Springs*. Aos 49 anos, Jolie se aproxima da real idade de Callas, morta aos 53 anos. Contrária à perfeição das gravações de discos, Callas prezava “o canto humano”, e as performances (viscerais), e “diferentes”, a cada investida nos palcos. Na tela, Jolie rende algo com cara de frescor.

A Callas exibida no longa crê ainda que a felicidade nunca tenha rendido uma bela melodia. E é neste compasso nostálgico e algo insano, que, sob extrema cobrança (há quem a veja como um “sapo roxo”, à época da derrocada), que a protagonista embala situações de contraste, entre “a luta e a vergonha”, entre a vida e a morte, a sanidade e a loucura. Sem padronização, o diretor Larraín mistura gramaturas de imagens e alterna o colorido com preto e branco, sem maiores reservas. Não é apenas o organismo que está frágil, ao termo da jornada em que, “finalmente”, a soprano se vê “no controle”. Tudo, entretanto, parece tarde, uma vez que fica impossível reviver a era clássica que posicionou-a como bela intérprete de obras de

Donizetti e Puccini, e uma incomparável cantora lírica a ocupar a casa londrina de *Convent Garden* e o impactante *La Scala* (Milão, Itália).

É a *Maria Callas* da tela que delimita a ausência de razão na ópera, ao instante em que resume sua “vida” à ópera. Numa cena, assemelhada a um fantasma, Callas vai aos limites e, ajoelhada, cata estilhaços do prestígio do qual gozou, no passado, na companhia fiel dos cachorros de estimação donos de um choro estridente. Ferida na autoconfiança, a cinebiografada rende um filme inspirado do cineasta que, em 2016, pós *Natalie Portman* a interpretar *Jacqueline Kennedy* (futura esposa do magnata *Aristóteles Onassis*, figura, claro, presente em *Maria Callas*) e 2021, em *Spencer*, esquadrihou a vida da princesa *Diana* (no aclamado filme com *Kristen Stewart*).

Entre tiradas divertidas como a de que “homens mortos, são mais fáceis de lidar” e de que o amor de caninos se resume “em 99%” à necessidade de alimentação, o roteiro de *Steven Knight* (de *Spencer* e *Coisas belas e sujas*) envereda muito para a introspecção e a condição reclusa da personalidade que ganhava dez vezes menos do que *Frank Sinatra*. Um capítulo à parte está na relação da diva com aqueles que mais a entendem: os serviçais *Ferruccio* (*Pierfrancesco Favino*) e *Bruna* (*Alba Rohrwacher*), isso além da irmã *Yakinthi* (*Vale-ria Golino*) e a penca de remédios com a qual Callas manteve estreita dependência.



Maria Callas: trágica vivência permeada por devaneios

LobisOMEM: uma nova versão para o monstro



### Entre gritos e ruivos

Um homem que rosna para a filha e é capaz de comer carne seca acondicionada de modo primitivo — com a descrição, o espectador já se ambienta para acompanhar o terror do mesmo cineasta que remodelou um vilão, em *O homem invisível* (2020), e agora comparece à frente de *LobisOMEM*: *Leigh Whannell*. Retorcido e desajustado ao corpo, *Blake* (*Christopher Abbot*) tem vida pregressa idealizada: mora em *Nova York*, com a filha *Ginger* (*Matilda Firth*) e a esposa *Charlotte* (*Julia Garner*), isso até ser forçado a buscar a vizinhança em floresta do *Oregon* habitada por pessoas isoladas como *Derek* (*Benedict Hardie*).

A mudança é precedida por uma série de pensamentos populares como o da existência da *Febre das Colinas* (a mesma enfermidade que indígenas batizaram de “*A Cara do Lobo*”), explorada em conversas, desde o sumiço de um trilhheiro, nos idos de 1995. Enfrentar animais e doenças, numa tensa adaptação ao ambiente, vem como alerta para a família, no decorrer do longa que teve roteiro desenvolvido por *Whannell* e *Corbett Tuck*.

Nos bastidores do filme, vale a menção de que *Arjen Tuiten*, o holandês responsável por caracterizações vistas na telona (entre as quais *Homem de Ferro 2* e *O labirinto do fauno*), levava até sete horas de trabalhos junto a personagens como os do patriarca vivido por *Abbott*. Entre quedas de unhas e dentes e poças de vômito de sangue, ficam os rastros e resquícios da antiga presença de *Blake* no decorrer da narrativa.